

MOOC para uma educação mais inclusiva e não sexista: repensando conceitos e acolhendo por dentro da Universidade
ANA CAROLINA GIUDICE BEBER¹; STEFANIE CAIPÚ VIEIRA²; LARISSA MEDIANEIRA BOLZAN.³

¹ Universidade Federal de Pelotas – annacgiudice@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – stefaniecaipuvieira@outlook.com

³ Universidade Federal de Pelotas – larissambolzan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou apresentar um recorte da cocriação de conteúdo para a produção de um MOOC (Massive Open Online Course) para uma educação mais inclusiva e não sexista, repensando conceitos e acolhendo por dentro da Universidade, com o público alvo os professores e técnicos da Universidade Federal de Pelotas.

Sua cocriação teve o objetivo de trazer à pauta o papel de Instituições de Ensino Superior (IES) no enfrentamento a violência de gênero. O que se justifica uma vez que a violência de gênero é um problema presente e crescente na sociedade (O'LEARY, et. al., 2013; GODINHO et al., 2018; MAÇASTENA, 2019). Ao longo da pandemia, infelizmente, observou-se um aumento exponencial no número de casos (LIMA, et. al., 2016; IPEA, 2020).

No cenário universitário, a violência de gênero sofrida de acordo com os autores GODINHO et al. (2018), TASSINARI (2020) e MONTAÑEZ (2021), pode afetar negativamente os processos educacionais. SANTOS et al. (2017), SANTOS e JAEGER (2018) e TASSINARI (2020) corroboram com o argumento ao destacar que o dia-a-dia da vítima da violência de gênero (de qualquer natureza) é permeado por sofrimento, medo, lesões/marcas no corpo e diversos danos físicos e psicológicos; agravados pelo levando isolamento social e falta de apoio (SANTOS et al, 2017; SANTOS; JAEGER, 2018); podendo acarretar doenças crônicas como a hipertensão (CARNEIRO et al. 2017) e até levar a vítima ao suicídio (GODINHO et al., 2018).

2. METODOLOGIA

O MOOC, em um primeiro momento, tinha como objetivo compreender a apresentar especificamente sobre as violências de gênero e seus impactos no meio universitário. Dessa maneira, inicialmente, foi adotada a pesquisa bibliográfica e a análise de pesquisas que envolvam os efeitos e ocorrências destas violências.

Dessa forma, passa-se a um segundo momento no qual serão apresentadas as informações de recomendações sobre quais os caminhos a percorrer se a pessoa for vítima ou para acolher uma vítima. Depois, ainda é visto acerca dos suportes fornecidos dentro da própria Universidade Federal de Pelotas para seus estudantes, por meio de pesquisa qualitativa, que usou como meio de coleta de dados a entrevista semiestruturada com os atuais representantes do NUGEN e da PRAE. Por fim, ainda foi feita uma análise da comunicação não-violenta como alternativa a melhorar o acolhimento e a relação entre acadêmicos, professores e servidores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicamente, os ambientes universitários, não são convidativos para pessoas que se reconhecem como do gênero feminino (MONTAÑEZ, 2021). Por vezes, o machismo e o sexismo estrutural, atravessados de historicidade, são

perpetrados por colegas e professores gerando constrangimento para as estudantes e situações de assédio e violência ao longo do curso.

Nos resultados de GODINHO et al. (2018), os trotes machistas e sexualizados, o racismo, o capacitismo, o bullying e a homofobia aparecem como exemplos de situações de violência dentro das IES que geram implicações negativas na educação superior, isso porque as relações interpessoais são afetados. GODINHO et al. (2018) assevera que a colaboração entre as comunidades acadêmicas e a práticas entre universitários e profissionais têm apresentado significativa melhora na violência de gênero. Ao longo dos quase cinco anos de projeto Mais Juntas, da UFPEl, também é possível citar alguns exemplos como a criação do Living Lab Mais Juntas e a orquestração da cocriação de mais de cinco tecnologias sociais no ambiente do living lab.

No Brasil, é válido citar a Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, e a Universidade Livre de Berlin, sob a perspectiva do feminismo interseccional integrou aos processos que constituem a pedagogia universitária instrumentos teórico-metodológicos para tomada de decisão, orientadas para o alcance efetivo da equidade de gênero e inclusão social em instituições de ensino superior.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Avon/Data Popular em 2015 foi possível visualizar que existem 6 grupos de violências que costumam ser mais comuns no meio universitário, é importante conhecê-las para saber se passar ou conhecer alguém que esteja passando/passou por situação semelhante, sendo elas: assédio sexual, coerção, violência sexual, violência física, desqualificação intelectual e agressão psicológica/moral.

O estudo apresenta que dos entrevistados, inicialmente 10% das mulheres identificaram ter sofrido alguma das violências e 2% dos homens cometido algum ato de violência contra a mulher na universidade ou em festas acadêmicas. Depois da sequência em lista e explicação das formas de violência, o número muda, sendo 67% reconhecendo que sofreram e 38% dos homens reconhecendo que já cometeram. Ainda, é visto que a desqualificação intelectual é muito comum, das entrevistadas 49% sofreram e uma, estudante de direito, destaca que a afirmavam cotidianamente que ninguém quer ser defendido por uma mulher.

Dessa maneira, percebe-se que a violência de gênero no meio universitário é bastante presente. O que ocorre muitas vezes é que as vítimas acabam não reagindo quando sofrem a violência, pelo estudo supracitado, 63% das mulheres entrevistadas, por intimidações acabaram deixando de lado. Assim, fica evidente a importância de conhecer as violências, em especial relacionadas ao meio universitário, e também saber como lidar ao perceber uma situação destas.

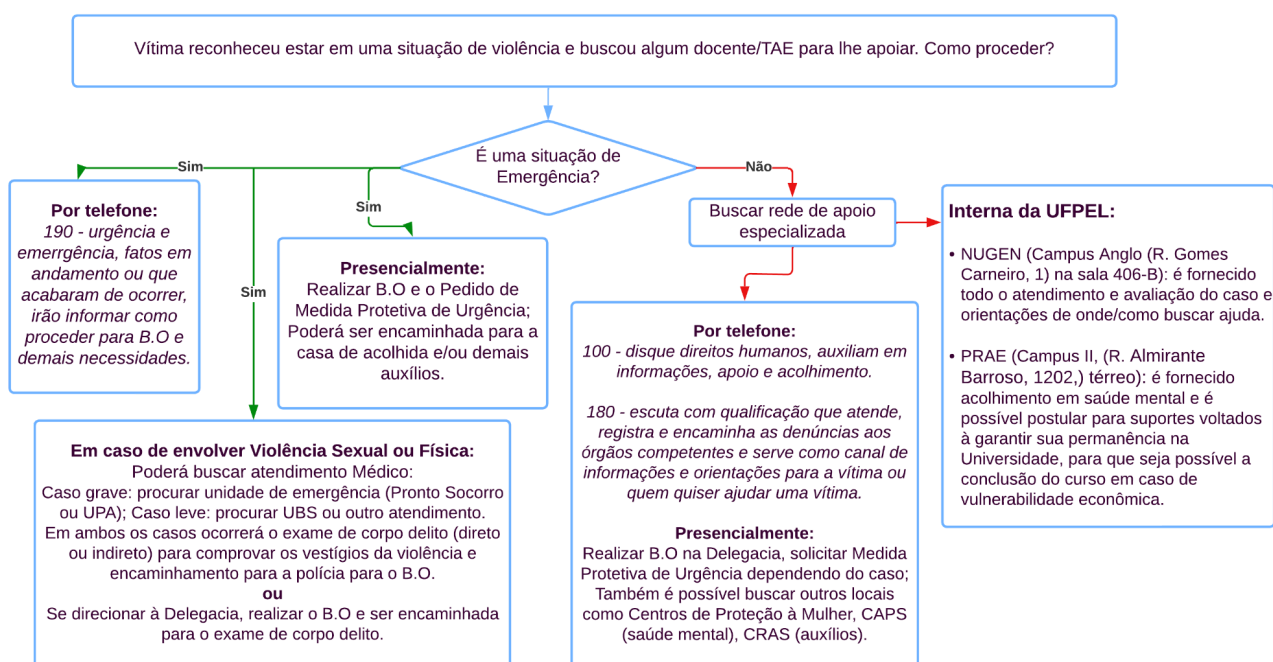
Quando se é vítima de violência, há alguns passos comuns a se seguir para formalizar a situação, procurando proteção e justiça. Muitas vezes é possível ocorrer a "revitimização da mulher" que é quando há o julgamento por parte da família, sociedade, mídia e até às vezes pelos órgãos de proteção. No MOOC, serão apresentadas as alternativas de onde deve-se buscar acolhimento e destacando-se os disponíveis na cidade de Pelotas. Bem como, também os dispostos pela Universidade Federal de Pelotas, para seus próprios estudantes, sendo eles:

1. NUGEN, que é o núcleo voltado para as questões de gênero e diversidade, o qual acolhe, recebe e encaminha denúncias, atendendo aos casos de LGBTQ+fobia, misoginia, desigualdade de gênero e sexismo que ocorrem na universidade, sendo o principal local a procurar dentro da universidade.
2. PRAE, posteriormente, em caso de acolhimento psicológico, no qual é possível analisar casos e direcionar à atendimentos mais específicos de acordo

com os casos e o necessário para a pessoa ter o suporte e permanecer na universidade.

Dessa maneira, foi compreendido que além de toda a busca do atendimento especializado, a comunicação não-violenta é uma alternativa de não perpetuar comportamentos e falas machistas, misóginos e a lidar com essas questões de acolhimento em caso do conhecimento de uma situação evitando a revitimização de uma vítima de violência de gênero. O estudo de MENEZES et al. (2023) mostrou que a CNV no ensino superior, embora de uso e evidências bastante recentes, contribui para melhora das relações entre acadêmicos, entre professores e acadêmicos e entre professores. Além de ter mostrado potencializar o acolhimento e a identificação das necessidades de todos envolvidos no processo de ensino.

Dessa forma, apresenta-se o fluxograma abaixo no qual apresenta alguns dos caminhos possíveis de uma aluna ao deparar-se em uma situação de violência ou um TAE/Professor receber pedido de ajuda de uma vítima:



4. CONCLUSÕES

A responsabilidade de cocriação de soluções acerca da violência de gênero não é da gestão universitária, nem da coordenação de cursos, nem dos líderes de setores, mas a universidade tem potencial de orquestrar mudanças sociais (internas ou externas a ela). Assim, o conteúdo em construção tem objetivo de disseminar informações sobre como docentes e técnicos administrativos podem atuar para promover a equidade de gênero e minimizar a violência de gênero em instituições de ensino.

Como expectativa, visa-se a oferta de um artefato que potencialize uma educação mais inclusiva e não sexista, preparando os docentes e técnicos administrativos para repensarem conceitos e acolherem os discentes (vítimas de violência de gênero) naquilo que lhes for cabível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, R. K. DOS S. **Núcleo de estudos de gênero e enfrentamento da violência contra a mulher : aspectos relevantes de sua atuação no Estado de Pernambuco.** Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47784>. Acesso em: 16 abr. 2023.

CARNEIRO, J. B., et. al., **Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas(os).** Esc Anna Nery, v. 21, n.4, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1277/127752022015.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022

O'LEARY K. D. et. al. **Validation of Fear of Partner Scale.** *Journal of Marital and Family Therapy*, v. 39, n. 4, p. 502-514, apr. 2013.

GODINHO, C. C. P. DA S. et al. **A violência no ambiente universitário.** Revista Brasileira em Promoção da Saúde, v. 31, n. 4, 21 dez. 2018.

MAÇASTENA, Ardita. **Gender-based violence in Kosovo.** *Acta Universitatis Danubius*. v. 15, n. 1, p. 118-135, 2019.

LIMA, L. H. M., et. al. **Domestic violence in pregnant Woman: A stufy conducted in the postpartum period of adolescents and adults.** *Journal of Interpersonal Violence*. v. 34, n. 6, p. 1183-1197, 2016. DOI: 10.1177/0886260516650968.

IPEA/FBSP- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência 2020.** Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2023

MENEZES, A.L.C., etc. al., **Contribuições da comunicação não-violenta no ensino superior.** 2023 Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 7(1), 1575-1590. DOI: 10.47222/2526-3544.rbt04860

MONTAÑEZ, N. V. P. **La encrucijada de la virtualidad en la educación superior frente al problema multidimensional de las violencias basadas en género.** Revista IUSTA, n. 55, 2021.

Pesquisa Instituto Avon/Data Popular. **Violência contra a mulher no ambiente universitário.** Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Pesquisa-Instituto-Avon_V9_FINAL_Bx-2015-1.pdf. Acesso em: 18. mai. 2023.

SANTOS, H. C. C., et. al., (2017). **Rompendo barreiras, conquistando espaços: o movimento feminista no combate às desigualdades à luz da constituição federal de 1988.** Revista Dat@venia, 7 (1), 158-170. doi: 10.20887/rdtv.ccj.2015v7i1p158-170

SANTOS, M. S. & JAEGER, F. P. (2018). **“Até hoje não sei o que é a palavra amor!”: o impacto do abuso sexual em mulheres.** DiÁLOGO, 37, 9-20. doi: 10.18316/dialogo.v0i37.3430

TASSINARI, T. T. et al. **Violência de gênero em mulheres estudantes universitárias: evidências sobre a prevalência e sobre os fatores associados.** *Acta colomb. psicol*, p. 105–120, 2022.